

35º Encontro Anual da Anpocs
GT 35: Teoria Política e pensamento político brasileiro;
Os Estados Unidos, o pan-americanismo e a Doutrina Monroe no
pensamento político de Oliveira Lima
Nathália Henrich

Introdução

Este artigo é parte de um projeto mais amplo, que culminará com a realização da tese doutoral intitulada provisoriamente “Do “país extraordinário” ao “perigo americano”: As relações Brasil-Estados Unidos no pensamento político de Oliveira Lima”¹. Já que o objetivo geral do projeto é compreender e analisar o pensamento político de Oliveira Lima no que diz respeito às relações entre Brasil e Estados Unidos, também se busca analisar a trajetória de formação de Oliveira Lima e identificar o ou os pontos de inflexão na sua posição sobre o relacionamento entre os países.

Oliveira Lima tem uma trajetória política e pessoal bastante interessante e rica em controvérsias. Nascido em Pernambuco, formou-se em Portugal não em Direito, mas em Letras e voltou à terra natal. Não dispunha de fortuna familiar ligada à terra, já que os pais eram comerciantes, mas casa-se com a filha de um próspero senhor de engenho pernambucano. Nutria simpatias republicanas e acabou envolvido em problemas por sofrer acusações de monarquismo. Passou de um entusiasta da aproximação com os Estados Unidos a um dos maiores detratores da política americanista promovida pelo Barão do Rio Branco e crítico feroz da Doutrina Monroe. Entretanto, foi nos Estados Unidos que decidiu viver e morrer e lá deixou seu rico acervo sobre o Brasil. Seu estilo direto e as observações por vezes cruéis deixaram muitos inimigos, entre eles um dos homens mais poderosos do seu tempo, o Barão do Rio Branco. O cerne de suas críticas, além das disputas pessoais por poder e nomeações no Itamarati, estava na condução da política externa brasileira com relação aos Estados Unidos e na adesão à Doutrina Monroe.

Mas também sobre este tema, sua trajetória é *sui generis*. À princípio, embora fosse capaz de observar os problemas dos Estados Unidos e de seu comportamento, inclusive o impulso anexionista, Oliveira Lima confiava nas virtudes norte-americanas, como o sentido de justiça, a jovialidade, o idealismo religioso e a inspiração democrática. Esta atitude transparece em *Nos Estados Unidos, impressões políticas e sociais*, onde analisa diversos aspectos de

¹ O título é uma referência aos títulos de duas críticas realizadas por José Veríssimo (2003) das obras de Oliveira Lima, respectivamente *Nos Estados Unidos: impressões políticas e sociais* e *Pan-americanismo: Monroe, Bolívar, Roosevelt*.

cultura, política e instituições do país. Para Lima Sobrinho (1971), neste livro seu objetivo foi dar a conhecer os Estados Unidos no Brasil e, sabendo da existência tanto de entusiastas quanto de detratores, identificava-se mais com os primeiros. Entretanto, não defendia que o país fosse “tomado como figurino”, pois tinha consciência das diferenças que o separavam do Brasil e que deveriam ser levadas em conta na hora de tomar decisões.

Ao longo dos anos, porém, a empolgação de Oliveira Lima foi arrefecendo e dando lugar à desconfiança em relação à Doutrina Monroe, até chegar a sua completa condenação. Em *Pan-americanismo*, ele expressa claramente sua “convicção de que a doutrina Monroe não comporta, sem perigo, o desenvolvimento que recentemente se lhe quis atribuir e que é a projeção da crescente ânsia de centralização do Executivo nacional norte-americano”. (OLIVEIRA LIMA, 1980, p. 19). Neste segundo livro tratando dos Estados Unidos, Oliveira Lima assume posições mais duras e frontalmente contrárias ao que ele considera serem as aspirações norte-americanas no continente.

Passados oito anos entre a publicação das duas obras, se fazem sentir claramente os efeitos do papel crescente jogado pelos Estados Unidos no sistema internacional. Apesar da sensação de desconfiança sobre as pretensões norte-americanas, não deixa de perdurar uma certa admiração pelo país, agora considerado mais “perigoso” que “extraordinário”. Oliveira Lima faz distinção entre a admiração pelas suas conquistas em termos de prosperidade material e liberdade, mas condena os rumos tomados pela Doutrina Monroe. Não é correto afirmar que seja contrário aos Estados Unidos como forma de organização política e social. Seria mais certo observar uma posição de franca oposição ao monroísmo, ou seja, aos postulados da Doutrina Monroe e aos seus possíveis efeitos sobre o Brasil e o continente. Oliveira Lima defendia que “a consciência do quanto devemos à Europa é o melhor freio a qualquer quixotismo” com relação ao monroísmo e, portanto, contrapõe o ideal americanista à herança europeia de que o Brasil seria devedor. (OLIVEIRA LIMA, 1980, p. 73).

O seu receio reside ainda na possibilidade de um alinhamento a Washington, capaz de afastar o Brasil das relações mais antigas e já estabelecidas com países europeus e que tolhesse a soberania brasileira. Sua

preocupação compreendia também os efeitos da Doutrina Monroe nos vizinhos americanos. É interessante notar que no momento em que escreve *Pan-americanismo...* está lotado na Venezuela e acompanha o debate sobre o papel dos Estados Unidos no continente não apenas sob a perspectiva do Brasil. Por isso, falava sobre a necessidade de “associação de todas as nações do continente”, a qual “despojará correlativamente a doutrina de Monroe do seu exclusivismo perigoso”. (OLIVEIRA LIMA, 1980, p. 73).

Pan-americanismo é de fato um libelo contra a Doutrina Monroe e é por estas idéias que Oliveira Lima ficou bastante conhecido, além, é claro, das críticas veementes sobre a política de aproximação com os Estados Unidos levada a cabo pelo Barão do Rio Branco, quando este era Ministro das Relações Exteriores. Para isso concorreu o fato do autor escrever continuamente para a imprensa nacional e internacional expondo seus pontos de vista, alguns dos quais foram reunidos em *Pan-americanismo*. Entretanto, nem sempre foi esta sua posição sobre os Estados Unidos.

Ao contrário, como já foi afirmado, é possível identificar um momento posterior na sua trajetória diplomática e intelectual, onde era um simpatizante do país e de sua política exterior. Esta simpatia está bastante clara na obra *Nos Estados Unidos, impressões políticas e sociais*, de 1899, seu primeiro livro inteiramente dedicado a tratar do país em que estava na época servindo como diplomata. Assim, como este trabalho representa um esforço inicial de mapeamento da obra do autor e de análise de como o tema é tratado dentro da sua trajetória intelectual como um todo, nosso interesse está em analisar esta obra ainda pouco estudada, onde já aparecem seu espírito analítico crítico e a agudeza das observações, porém, ainda marcadas pelo deslumbramento com o progresso material desfrutado pelos Estados Unidos e que ele então testemunhava.

Oliveira Lima, breves notas biográficas



Fonte: caricatura feita por Gilberto Freyre, reproduzida de <<http://www.estadao.com.br/especiais/o-legado-de-oliveira-lima,140947.htm>>.

Manuel de Oliveira Lima foi historiador, diplomata, jornalista e professor. Nascido em 1867, em Pernambuco, veio a falecer nos Estados Unidos, em 1928, onde foi enterrado. Desde muito jovem colaborou com diversos jornais no Brasil e no exterior e, como professor, deu cursos nas mais prestigiosas instituições dos Estados Unidos e da Europa, chegando a reger a cadeira de Direito Internacional na Universidade Católica de Washington. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). Publicou ainda importantes obras sobre história, sociologia, relações internacionais, lingüística e relatos de viagem, como *Pernambuco – Seu*

desenvolvimento histórico (1895); *Nos Estados Unidos – Impressões políticas e sociais* (1899); *História Diplomática do Brasil* (1901); *Pan-americanismo – Monroe, Bolívar, Roosevelt* (1907); *D. João VI no Brasil* (1908); *Formação histórica da nacionalidade brasileira* (1911). Desta forma, deixou uma obra vasta e profunda, extremamente relevante para o entendimento do Brasil e sua atuação internacional. Mas, foi a diplomacia a maior responsável pelo *status* privilegiado de observador e analista do Brasil. Pelas oportunidades que teve de conhecer o mundo representando o país, tornou-se uma das vozes brasileiras mais importantes do seu tempo sobre diversos assuntos, sobretudo nas questões relativas à política externa brasileira e as relações internacionais.

Iniciou sua atividade diplomática como adido de primeira classe junto à Seção do Brasil em Lisboa, em 1890 e se aposentou em 1913, quando fixa residência em Washington, e passa a lecionar na Catholic University of America e a dedicar-se a sua biblioteca, doada à instituição. Como diversas passagens de sua vida, a aposentadoria também foi marcada por intensos debates, polêmicas e algumas inimizades. Não por acaso, Gilberto Freyre, seu amigo próximo e discípulo, afirmava que ele sofria de “incontinência da pena” e Joaquim Nabuco se queixava de sua língua ferina. Em 1913, Oliveira Lima chega ao Rio de Janeiro de uma série de conferências nos Estados Unidos e é acusado de possuir tendências monarquistas, sendo instado a fazer declarações de fé republicana, ao que ele se recusa. Posteriormente, publica uma entrevista em que explica sua visão sobre as formas de governo e termina por receber homenagens do Presidente Rodrigues Alves. Mas, o estrago já estava feito e ele insiste no pedido de aposentadoria, que é finalmente aceito. Este episódio encerra uma carreira marcada por desentendimentos e desavenças, especialmente durante a gestão do Barão do Rio Branco, de quem passou de amigo a crítico empedernido. Estes percalços acabaram por dificultar a sua ascensão aos postos mais altos do Itamarati e deixaram marcas na sua forma de ver e entender o Brasil.

Prova maior de sua desilusão com o país, foi seu último ato em vida: doar integralmente seu acervo sobre formado de livros, documentos, mapas e obras de arte à Universidade Católica de Washington. Inaugurada em 1925 e organizada pelo próprio Oliveira Lima e sua esposa Flora Cavalcanti de

Albuquerque, a coleção conta com hoje com 58.000 (foi ampliada a partir dos 40.000 originais), transformando-se um dos maiores e mais valiosos campos de pesquisa sobre o Brasil no mundo. As tentativas do governo brasileiro para repatriar o acervo esbarraram na impossibilidade de contestação da vontade do doador, que deixou seu desejo expresso em carta. A ligação de Oliveira Lima com os Estados Unidos ficou então selada para sempre. Convém, entretanto, lembrar como ela começou e em que contexto foi gerada a obra sobre a qual nos debruçamos neste artigo.

Oliveira Lima e os Estados Unidos

Ele ocupa o cargo de secretário de Legação entre 1896 e 1900, sob a chefia de Salvador de Mendonça. O período foi marcado por um esforço da diplomacia brasileira em fomentar as relações comerciais entre os dois países e a gestão de Salvador de Mendonça teve um papel importante na consolidação destas novas relações. Posteriormente, ambos declarariam seu descontentamento com os rumos da política externa brasileira com relação aos Estados Unidos na gestão do Barão do Rio Branco. É neste momento que Oliveira Lima escreve os textos posteriormente reunidos em *Nos Estados Unidos*, publicado em 1899. O livro faz parte de um bloco de obras que constituem o que Malatian (2008) chamou de a fase monroista do autor. Fazem parte ainda desta fase sua obra anterior *Sept ans de République au Brésil (1896)*, além de *O reconhecimento do Império* (1901) e *No Japão* (1903).

Seu primeiro livro sobre os Estados Unidos, *Nos Estados Unidos, impressões políticas e sociais*, é um retrato vivo do que seria o seu momento inicial de encantamento com o país e suas virtudes, demonstrando uma perspectiva bastante otimista e benevolente. Como uma nota introdutória esclarece, foram aproveitados os artigos publicados na Revista Brasileira sobre os Estados Unidos, durante os anos de 1896, 1897, 1898 e 1899 e também trechos das correspondências escritas para o Jornal do Commercio, nos anos de 1896, 1897 e 1898. A obra é vasta e trata de diversos temas, desde o “problema negro”, os efeitos da imigração, a sociedade, a influência das mulheres, a educação e a religião, passando pela literatura norte-americana, a política externa e as relações com o Brasil, totalizando mais de 500 páginas.

OLIVEIRA LIMA

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

NOS ESTADOS UNIDOS

IMPRESSÕES POLITICAS E SOCIAES

Não escapará á vossa observação que um rico e fértil dominio foi aqui rapidamente crendo por aquelles que estavam certos de colher onde haviam semeado; que um governo forte e benéfico foi aqui estabelecido pelos que prégavam a liberdade, e que possuímos um povo patriótico e generoso, que ama o seu Governo porque é seu, dirigido por elle, administrado por elle, protegido e defendido por elle.

(Resposta do Presidente Cleveland ao discurso de apresentação de Li Hung Chang.)

LEIPZIG

F. A. BROCKHAUS

—
1899

LIBRARY
UNIVERSITY OF CALIFORNIA
DAVIS

Fonte: folha de rosto da primeira edição de *Nos Estados Unidos*

José Veríssimo (2003, p.144) classifica *Nos Estados Unidos* como “o melhor manual existente em português para conhecermos os Estados Unidos” e reconhece que, como “observador inteligente e de boa fé” que era Oliveira Lima, este era incapaz de “esconder que no sol há manchas”. Para ele, o autor apenas não as vê “tão grandes e sensíveis, como a outros se afiguram. E, ganho pelo otimismo yanque, essas mesmas lhe parecem fáceis de ser desfeitas e apagadas”. (JOSÉ VERÍSSIMO, 2003, p.144). Ainda que elogie o esforço de compreensão realizado por Oliveira Lima, Veríssimo afirma que sua

“empolgação” com o país “tirou-lhe, raras vezes, é certo, a liberdade espiritual no ajuizar dos próprios fatos americanos e de alguns dos nossos”. (VERÍSSIMO, 2003, p.147).

A despeito da opinião do crítico literário, Oliveira Lima declara muito ao principio do livro suas intenções ao escrevê-lo. Estas não consistiriam em emitir juízo de valor sobre o país, mas, a partir de suas observações deste, apontar aquelas características que poderiam ser aproveitáveis para o Brasil. Não seria de todo equivocado entendê-la como uma obra de caráter didático sob dois pontos de vista. Por um lado, dar a conhecer os Estados Unidos no Brasil e, por outro, apresentar ao Brasil “soluções” dadas pelos Estados Unidos a problemas comuns aos dois países. Segundo ele:

Não devem as repetidas comparações que vou fazendo entre os dois paizes² americanos, o estrangeiro e o meu, ser levadas á conta de divagações ociosas ou malévolas. Pelas paginas seguintes não de ellas continuar, porquanto eu apenas olhei para os Estados Unidos com olhos de brasileiro, a saber, constantemente buscando o que de aproveitável para nós poderia, a meu ver, resultar do exame e da confrontação. Achei que poderia resultar immenso e declaro-o sem reboços, confessando minha impressão de melancholia pelo muito que os Estados Unidos teem alcançado, e pelo pouco que nós temos relativamente feito. Na America do Norte apoderou-se de mim e a breve trecho converteu-se quasi n'uma obsessão, uma forte impressão do nosso atrazo, que na Europa eu nunca havia experimentado, acostumados como justamente andamos a consideral-a um antiquíssimo campo de experiências e de progressos. Do outro lado do Atlântico porem, n'um paiz de civilização tão moderna quanto o Brazil, a comparação impõe-se irresistivelmente, em nosso grave desabono, com o seu cortejo de considerações psychologicas e sociológicas. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.16-17).

Porém, ao longo do texto vai ficando evidente o tom extremamente elogioso do autor à “raça” norte-americana, ainda que seja capaz de fazer algumas críticas pontuais, como aquelas referentes a sua arte e literatura ou a sua capacidade de elevação intelectual em comparação ao prodigioso desenvolvimento material. Comentando a caracterização da civilização dos Estados Unidos pelo termo mamute, feita por Paul Groussac, intelectual

² Optou-se por manter a grafia original das palavras, assim como aparecem na obra de 1899.

franco-argentino, Oliveira Lima mostra-se de acordo. Segundo Groussac, o termo seria apropriado não apenas pelo que esta civilização oferece de enorme como de disforme, ou melhor, de informe. Seria também porque a civilização americana seria tanto primitiva quanto desmarcada. No mesmo sentido, Oliveira Lima aponta que, por um lado, o desenvolvimento material é extraordinário e “tudo é colossal”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 404). Porém, adverte que: “igualmente sabemos que o desenvolvimento mental não corresponde precisamente á opulência do cenário. Os Estados Unidos — nação tão grande — não possuem uma grande litteratura nem uma grande arte. Em ambos os campos falta-lhes a originalidade poderosa”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 405).

Considera também de um “otimismo exagerado” as declarações de Bourget, quando este diz que os “Estados Unidos constituem uma lição para a Europa, pois que dão uma impressão de tranqüilidade sobre o futuro social do mundo, sobre a solução dos problemas mysteriosos que agitam o velho continente, como sejam o militarismo e o proletariado”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2). Oliveira Lima tenta escapar ao maniqueísmo de considerar os Estados Unidos bom ou mal *per se* e trata de tentar construir um caminho intermediário entre estas posições: “Longe de mim o desfazer no radicalismo”, diz ele. ” (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 3). Segundo o autor:

No Brazil falla-se ou muito bem ou muito mal dos Estados Unidos. Apontam-n' os os seus admiradores como o único modelo a seguir sem discrepâncias, o melhor figurino a copiar nos mais ligeiros pormenores, sem cogitarem da diferença dos meios, das respectivas tradições nacionaes e dos costumes de cada povo. Os seus detractores culpam-n' os de todos os crimes, desde a ambição devoradora de terras e de nacionalidades, até á corrupção politica e social mais desbragada. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.1).

Sem embargo, o autor é forçado a admitir que “a parte os exageros do fanatismo, a verdade está incomparavelmente mais com os primeiros”. Segundo ele, sua estada de três anos no país o fez ver um “ingente progresso material” que “tanto desejaria ver imitado” pelo Brasil, assim como características como a tolerância, a paixão pelo estudo, a energia individual, a vontade perseverante de atingir a perfeição. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 1). Seguindo com suas considerações iniciais sobre a realização da obra, ele afirma que não pode

furtar-se a cotejar aquilo que considera digno de imitação e justifica sua visão por vezes dura do próprio país:

Si por vezes deploro o presente, nunca perco no entanto a esperança no futuro. E tão somente n'esta orientação que busco nos differentes capitulos em que se divide o volume — o problema negro, a immigração, a politica externa, as virtudes nacionaes, a influencia feminina, o catholicismo americano, o figurino politico — senão tratar, pelo menos apresentar as questões que mais directamente nos interessam ou nos dizem respeito, e cuja solução ou aspecto nos Estados Unidos é capaz de oferecernos ensinamento. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.17).

De fato, em diversas passagens do texto, a comparação entre os países deixa o Brasil em absoluta desvantagem. Por exemplo, ao comentar a declaração de Paul Bourget, segundo a qual são os Estados Unidos uma sociedade que está sendo modelada pela democracia e pela Ciência, Oliveira Lima é taxativo: “outro tanto infelizmente não pode dizer-se do Brasil”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2). E vai além, afirmando sobre a democracia no Brasil que é “injusto assim denominar o falso sentimento de igualdade que prevalece entre nós, que é mais o desrespeito proposital por todas as superioridades na virtude, no talento ou no caráter, encarnando-se umas vezes na chacota, outras vezes no jacobinismo”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2). Para tanto, há algumas razões, entre elas a de que “seis sétimos do nosso povo são ainda analfabetos, e são de pasmar a ignorância e o atrazo de idéas freqüentes nas classes consideradas educadas”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 2).

É também recorrente o elogio por extensão ao “espírito inglês” de que seriam devedores os norte-americanos. Apesar de admitir a falta de originalidade da reflexão que dá conta de que “o desenvolvimento humano se não operará sem que ao sentimento da ordem corresponda sempre o do progresso”, Oliveira Lima acrescenta outra. Para ele, o povo norte-americano felizmente “não só herdou a feição ingleza de apego ás suas instituições e aos seus usos, como habituou-se a encontrar nos meios pacificos e regulares o melhor modo de reivindicar suas aspirações e satisfazer seus anhelos.” (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 3-4).

Não é sem importância o reconhecimento da “felicidade” desta feição inglesa, já que um dos personagens mais elogiados na obra, George

Washington, é descrito como “inglês em tudo”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.8). Para que se tenha uma idéia do patamar em que coloca o Presidente norte-americano, de acordo com Oliveira Lima (1899, p. 11) “o mérito de Washington consistia mais que tudo no commum extraordinário, si assim me posso exprimir, isto é, n'um conjuncto de todas as virtudes de que é capaz a alma humana levadas ao seu extremo natural e perfeitamente ponderadas”. O culto tributado pelos Americanos a Washington é digno de uma admiração profunda por parte de Oliveira Lima, que o define como “uma religião nacional, toda feita de amor e de gratidão, para a qual não encontro termo de comparação em outro qualquer paiz”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.7). Este é um ponto importante porque contrasta com a crítica feita ao Brasil pela sua falta de culto ao passado, especialmente ao passado Imperial e ao período constitucional³.

Cabe ainda uma ponderação por parte de Oliveira Lima. O autor reflete sobre se a personalidade de Washington seria igualmente reverenciada em um país latino e, especificamente, no Brasil. Sua resposta é direta: “francamente penso que não”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.8). As razões para tal rechaço seriam pelo menos quatro. Assim, em primeiro lugar, Washington não seria bem visto por sua origem social, pois sendo um aristocrata, “nós todos sabemos que a fidalguia não encontra muitos apreciadores n'um paiz onde o próprio soberano teve de democratizar-se ao extremo para lograr conservar-se tantos annos no throno”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.8). Depois, porque era um homem “cortez e amável era um methodico, um arranjado, um poupado, qualidades que a prodigalidade e o desleixo nacionaes não perdoam entre nós, taxando-as de ridículas”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.8). Também porque “não se deixou nunca arrebatado na guerra ao ponto de perder a noção do mundo alheio ao seu objectivo de momento”. Na avaliação de Oliveira Lima ele “era muito mais Caxias do que Herval, e a nossa queda é manifestamente pelo segundo”.

³ “O período constitucional já foi entre nós sublimado. Hoje é excommungado in totum e ainda menos conhecido que o colonial. Não é exaggero dizer que as paginas excellentes em que o snr. Joaquim Nabuco, acompanhando a vida publica do illustre estadista de quem é filho, tem desenhada na Bevista Brasileira a epocha imperial, foram para grande parte dos leitores uma revelação histórica”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.6).

(OLIVEIRA LIMA, 1899, p.10). E finalmente, seu comportamento nas reuniões legislativas Washington não era o de um tribuno inflamado, possuía uma “eloqüência grave e serena, que desaponta o nosso publico e passa logo por monótona e carranca”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.11).

Sua conclusão é que para os olhos dos brasileiros “Washington era destituído de todo o brilho, de toda a petulância, de todo o charlatanismo, que nós tão levemente convertemos em talento, força e superioridade”. Portanto, jamais seria apreciado com o devido respeito e admiração por um povo que tem “um fraco visível pelo desregrado, pelo desequilibrado”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.11). Se bem observadas, as razões apresentadas por Oliveira Lima deixam transparecer a crítica a certas características brasileiras denunciadas em outros momentos como perniciosas, como o apego aos arroubos emotivos em detrimento da valorização de uma personalidade comedida, metódica e objetiva, bem como a afeição ao militarismo e suas demonstrações mais arrebatadas e demonstram ainda um resquício de simpatia monárquica. Sobre este último ponto, cabe ressaltar que a denúncia de Oliveira Lima da falta de cultivo da história nacional por parte dos brasileiros e mesmo da sua falta de reconhecimento da importância do período colonial ou imperial, também serve como argumento para criticar os excessos cometidos nos Estados Unidos. Para ele, neste país se estaria pecando pelo extremo oposto, pelo excesso de zelo com a história nacional. Ele conta que “em vez da história da Revolução Francesa, é a da Independência Americana a que se estuda nos mais insignificantes detalhes, a que faz vibrar as almas juvenis, a que se apregoa como representando os fastos mais gloriosos da história da humanidade”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.6).

Ele ainda aproveita o ensejo de estar tratando de um herói nacional para lançar a sarcástica pergunta: “qual é o nosso heroe nacional?” As respostas possíveis seriam três: José Bonifacio, Gregório de Mattos, Tiradentes. A conclusão de Oliveira Lima é simples e direta, fiel ao seu estilo. “Percorrendo o nosso Pantheon poderíamos entretanto escolher melhor os nossos Ídolos, posto que se nos não depare alli uma figura que possa medir-se e imponha veneração igual á que suscita o *Father of his country*”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.6).

Em contraposição ao elogio sem reservas à figura de George Washington, Oliveira Lima não se furta em observar as mudanças ocorridas nos Estados Unidos em relação aos tempos da Independência. Ele destaca o papel do capital no processo eleitoral, a compra de votos, além da existência das modernas formas de convencimento do eleitor. É o que ele chama de “formas menos directas e mais honestas de guiar o sufragio, *carry the country* como dizem os Americanos”. Estas formas seriam os diferentes tipos de propaganda existentes (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.12-13):

→ A “propaganda pela palavra”, personificada nos oradores populares que realizavam discursos pelas cidades.

→ A “propaganda pela penna”, que, “transformando o comité de cada partido em poderosa casa editora, exige não só a farta distribuição de brochuras politicas na lingua original, como a sua traducção em allemão, norueguez, francez etc, para uso das populações naturalizadas”.

→ A “propaganda pela vista”, isto é, “as demonstraões enthusiasticas, as procissões, os retratos, botões de lapella e outros artigos commerciaes, que podem fazer a fortuna de alguns legistas, mas não trazem lucros aos comitês impondo-se entretanto ao gosto dos Americanos pelo vistoso e pelo desmedido”.

→ Há finalmente a manipulação do corpo eleitoral pelas promessas feitas a indivíduos ou feitas ao Estado.

Concluindo então que “a geração da Independência tinha idéas diversas sobre o regimen representativo”, argumenta que não necessariamente ele esteja falseado ou que o grau de exigência ou de ingenuidade dos patriarcas fosse muito alto. Prefere apenas defender que “o paiz caminhou; as condições sociaes mudaram; eis tudo”. Sem, entretanto, deixar de acrescentar que, evidentemente, Washington não “respiraria à vontade” em semelhante atmosfera. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.14). Este último comentário evidencia o juízo que fazia do regime representativo e do próprio processo eleitoral norte-americano comparativamente ao que ele acreditava ter sido anteriormente.

Não com o mesmo entusiasmo, mas também com devotada reverência, é tratada a figura de Abraham Lincoln. Descrito como um *self made man*, filho de pioneiros do Oeste, um típico de uma sociedade democrática e representante de

novos costumes públicos. Lincoln seria enfim, “o ideal obrigado de uma republica [...] era a personificação do plebeu emancipado, educado, porem sempre canhestro”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p.15). Apesar das diferenças de origem e de contexto em que viveram, os traços em comum entre os dois apontados por Oliveira Lima eram os mesmos que ele exaltava no povo norte-americano, nos seus termos seriam as “feições da raça”, ou seja, o espírito cristão e uma tenacidade inquebrantável.

Como precisamente descreve Malatian (2008), a análise desta obra demonstra que Oliveira Lima estava seduzido pelo discurso imperialista norte-americano. Sua interpretação da Doutrina Monroe está fortemente influenciada por sua visão evolucionista da historia e, neste sentido, vê a posição de preponderância que o país vai adquirindo como decorrência natural do seu progresso material. Além disso, sua defesa do monroísmo encontra respaldo na interpretação daquele que lhe parece o propósito mais fiel ao anunciado em 1823, que consiste na defesa da América contra possíveis tentativas de ingerência européia. De acordo com Oliveira Lima:

Uma nação de tão poderosos recursos e cujo papel tem sido tão conspícuo no progresso moral da sociedade humana, certamente ha de predominar, senão materialmente, pelo menos espiritualmente, em todo caso politicamente, sobre nações cujo papel é menos de secundário. Quando porem escrevi que a doutrina de Monroe significava a preponderância dos Estados Unidos nas questões americanas, não tinha em mente a letra, mas segundo alguns o espirito e especialmente a consequência da doutrina contida na mensagem presidencial de 2 de Dezembro de 1823 e cuja formula exacta nos seus dois paragraphos é a seguinte:

1°, o continente americano, pela condição livre e independente que assumiu e mantém, não deve ser mais considerado como campo de futura colonização por parte de qualquer Estado europeu;

2°, qualquer tentativa por parte das potencias alhadas para estenderem o seu systema de governo a qualquer porção do hemispherio americano seria considerada pelos Estados Unidos como perigosa para sua paz e segurança. (OLIVEIRA LIMA,

Na sua avaliação, a política externa dos Estados Unidos estaria resumida até pouco tempo a dois princípios: neutralidade nas questões européias e

preponderância nas questões americanas, sendo o primeiro princípio ditado por Washington e o segundo por Monroe. Este último teria se convertido na pedra angular da diplomacia da república. Assim, não é apenas o elogio à Doutrina Monroe que permeia a obra, mas o apoio à política externa dos Estados Unidos de maneira geral, já que esta “faz-se principalmente com dois traços que sempre escassearam á nossa — continuidade e energia”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 361).

O uso do argumento do desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos como justificativa para levar a cabo a Doutrina é expresso claramente quando Oliveira Lima afirma que “os Estados Unidos não eram n'aquelle momento a única nação independente do Novo Mundo, mas eram a única dotada de condições de educação civica e de capacidade de administração, alem de recursos materiaes”. E de maneira a não deixar dúvidas sobre seu apoio, ainda acrescenta que “é ocioso repetir que de então para cá a desproporção entre essas varias Republicas só tem feito accentuar-se”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 364).

É digno de nota ainda o esforço empreendido para responder às acusações e críticas de Eduardo Prado aos Estados Unidos no seu *A ilusão americana*. Descrito como “um pamphletario de grande talento”, na visão de Oliveira Lima, Prado teria escrito um livro que “condena toda a historia, instituições, politica e costumes dos Estados Unidos”, ainda que reconheça que a obra veio à público em um “momento em que alguns dos admiradores brasileiros da America do Norte estavam com efeito levando demasiado longe as suas demonstrações de fraternidade e ameaçavam marear os brios da nação”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 372). Mesmo afirmando não ter “recebido procuração” para responder a Prado, Oliveira Lima reafirma sua posição francamente pró-norte-americana e sustenta que “nas relações com os outros paizes o espirito americano manifesta-se antes leal e franco”. Também afirma que “engana-se muito quem o lorigar sempre á espreita das occasiões de aumentar o seu já tão considerável território.” (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 369).

Outra estratégia utilizada por Oliveira Lima na sua defesa da política externa norte-americana é colocar em relevo o que ele considera suas principais contribuições, a saber, a aplicação de “certas conquistas da civilização”.

Algumas delas seriam o arbitramento, o tratamento generoso do inimigo vencido, o apoio à liberdade da navegação e o fomento do comércio, seus esforços para a proteção das patentes de invenção e marcas de fábrica e até da propriedade literária. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 371). Sobretudo, segundo ele, “nenhuma nação mais do que os Estados Unidos tem contribuído para modelar as tendências contemporâneas do direito internacional”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 373). Expostos seus argumentos e ainda claramente dialogando com Eduardo Prado, Oliveira Lima afirma que “à ilusão americana é conveniente contrapor a realidade americana”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 450).

Considerações finais

Esta realidade a que se refere Oliveira Lima seria a de que não apenas os Estados Unidos teriam todos os argumentos materiais a seu lado – afinal, além de todo o exposto, “não podia de resto a política externa americana tomar rumo diferente do da expansão quando os interesses dos seus nacionais entraram, especialmente no último decênio, a prender-se fora dos Estados Unidos” - como também os morais. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 410). Isto porque Oliveira Lima traz diferentes exemplos históricos para manter sua posição de que o país não pretendeu “mediante a doutrina de Monroe arvorar-se em protectores natos de toda a America, nem ingerir-se em sua marcha domestica ou negócios externos sem pedido de auxilio de qualquer dos paizes então organizados, ou sem um perigo vital para os interesses nacionais”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 377-378). Ou seja, a Doutrina Monroe não é apenas aceitável por argumentos racionais baseados no alto grau de desenvolvimento material e moral da civilização norte-americana, como também desejável. Acima de tudo, para o Brasil não há o que temer já que “não ha cousa alguma que hoje divida o Brazil e os Estados Unidos. Os seus interesses podem não ser todos os mesmos, mas não os ha que sejam oppostos ou hostis”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 447). É interessante ressaltar, porém, que Oliveira Lima faz uma distinção importante quando diz que “a boa amizade, a união, não significa subalternação, embora uma das nações seja muito mais populosa, muito mais rica, muito mais forte que a outra”. (OLIVEIRA LIMA, 1899, p. 450).

Restaria assim alguma margem de manobra para o Brasil na sua relação com os Estados Unidos? Em obras posteriores este pensamento vai ganhando força, até o rompimento total com os ideais do pan-americanismo. Porém, esta é a face mais conhecida da trajetória de Oliveira Lima e o objetivo do artigo foi resgatar justamente sua faceta menos estudada, a de entusiasta de um projeto pan-americano capitaneado pelos Estados Unidos. Esta fase é fundamental para que se compreendam os desdobramentos posteriores tanto na sua carreira como diplomata, como na sua obra e as posições que adota futuramente.

6. Bibliografia

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **O Barão do Rio Branco e Oliveira Lima: Vidas paralelas, itinerários divergentes**. Disponível em:

<<http://www.pralmeida.org/05DocsPRA/935BarOlivLimaSem22Ago.htm>>.

Acesso em: 12 ago 2007.

BROCA, BRITO. **A vida literária no Brasil - 1900**. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

BUENO, Clodoaldo. **A república e sua política exterior (1889-1902)**. São Paulo-Brasília: Editora da Universidade Estadual Paulista-Fundação Alexandre Gusmão, 1995.

BUENO, Clodoaldo. **Política externa da Primeira República: os anos de apogeu – de 1902-1918**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BURNS, E. Bradford. **A aliança não escrita: O Barão do Rio Branco e as relações Brasil-Estados Unidos**. Rio de Janeiro: EMC Ed., 2003.

GANZERT, Frederic William. The Baron Do Rio-Branco, Joaquim Nabuco, and the Growth of Brazilian-American Friendship, 1900-1910. **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 22, No. 3, Aug., 1942.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de letras, 2005.

- LIMA SOBRINHO, Barbosa. Oliveira Lima: sua vida e sua obra. In: LIMA, Oliveira; LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Obra seleta**. Rio de Janeiro: MEC: INL, 1971.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. **Obra seleta**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. **Pan-americanismo: Monroe, Bolivar, Roosevelt**. Brasília: Senado Federal,/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.
- OLIVEIRA LIMA, Manoel de. **Nos Estados Unidos. Impressões políticas e sociaes**. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899.
- LINS, Álvaro. **Rio Branco (O Barão do Rio Branco): Biografia pessoal e História política**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1996.
- LYRA JÚNIOR, Américo Alves de. Brasil e Estados Unidos nas Percepções de Oliveira Lima e Salvador de Mendonça. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 315-330, jul./dez. 2008
- MALATIAN, Teresa Maria. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade**. Bauru: EDUSC/São Paulo: FAPESP, 2001a.
- MALATIAN, Teresa Maria. Oliveira Lima nos Estados Unidos. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 497-507, jul./dez. 2008.
- PEREIRA, Paulo José dos Reis. **A política externa da Primeira República e os Estados Unidos: a atuação de Joaquim Nabuco em Washington (1905-1910)**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006.
- PRADO, Eduardo. **A ilusão americana**. 5ª ed. São Paulo: IBRASA, 1980.
- SILVA, Alexandra de Mello e. O Brasil no continente e no mundo: atores e imagens na política externa brasileira contemporânea. **Revista Estudos Históricos**, vol. 1, n.15, 1995.
- SILVEIRA, Helder Gordim. **Joaquim Nabuco e Oliveira Lima. Fases de um Paradigma Ideológico da Americanização nas Relações Internacionais do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

VERÍSSIMO, José. **Homens e coisas estrangeiras 1899-1908**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

WILGUS, A. Curtis. The Third International American Conference at Rio de Janeiro, 1906. **The Hispanic American Historical Review**, Vol. 12, No. 4, Nov., 1932.